

Desafios de um editor de revista científica brasileira

Thais Helena Abrahão Thomaz Queluz

*Professora Livre-Docente do Departamento de Clínica Médica da Faculdade de Medicina de Botucatu, UNESP, Chefe da disciplina de Pneumologia, Diretora de Divulgação da Sociedade Brasileira de Pneumologia e Tisiologia, Editora do Jornal de Pneumologia
E-mail: queluz@fmb.unesp.br*

Ser editor de uma revista científica é um grande desafio em qualquer país, não só pelas situações anedóticas e cômicas do ódio despertado pelo editor mas, sobretudo, pela responsabilidade de se ter nas mãos resultados de pesquisas que podem afetar profundamente o curso da História.

Por isso tudo Lock⁽¹⁾ diz com grande senso de humor: "Contente por ser Editor? Saiba que você usará todo o seu escasso tempo livre, não pensará em outra coisa e irá perder amigos e não ganhar nenhum". Sem dúvida, trata-se de um exagero do autor porém não muito longe da realidade no que se refere ao tempo e às preocupações. Assim, editores do mundo todo, inclusive brasileiros, criaram sociedades, promovem reuniões para trocar experiências, padronizar procedimentos, discutir atribuições e atribuições^(2,3,4).

No Brasil, os desafios de um editor de revista científica são em grande parte semelhantes aos dos editores de revistas internacionais, mesmo das de grande impacto. O primeiro deles é a falta de formação e/ou de experiência para esta tarefa. Em geral, esta é uma atividade parcial e transitória, para a qual o indivíduo não tem treinamento específico e seu conhecimento é baseado em habilidades assistenciais, de pesquisa ou até mesmo no trânsito político. Garrow e cols.⁽⁵⁾ observaram que entre 191 editores de revistas científicas de alto índice de impacto, 30% foram eleitos juntamente com a diretoria da Sociedade, 25% indicados por um editor anterior e 18% selecionados por uma comissão independente. Entretanto não encontraram uma forte associação entre o método de recrutamento

ou o treinamento formal do editor e a importância do periódico. Na verdade, são características de um bom editor: competência, seriedade, imparcialidade e uma enorme capacidade para suportar pressões⁽⁶⁾.

A infra-estrutura da revista para que a execução do processo, que vai desde o recebimento de um manuscrito até a publicação, aconteça com eficiência e rapidez é outra preocupação de editores do mundo todo. Esta parte da editoração depende não somente da agilidade da secretaria, mas sobretudo da competência profissional e do grau de compromisso dos membros do conselho editorial. É uma atividade de fluxo contínuo complexa e delicada, uma vez que envolve um grande número de pessoas, que devem trabalhar em sintonia quase perfeita. Para isto, o editor precisa constituir um Conselho Editorial composto por profissionais de reconhecido valor científico na área de atuação e suficientemente generosos para doarem parte de seus tempos para a revista. Juntamente com estas pessoas o editor deve estabelecer a linha editorial, os padrões de qualidade e as metas do periódico.

Também em comum, os editores de todas as partes do mundo têm os problemas gerenciais, isto é, como tornar o periódico economicamente viável buscando parceiros comerciais. É pouco provável a sobrevivência de um periódico que dependa financeiramente apenas de Instituições ou de agências financiadoras de pesquisa. Mesmo os periódicos de Sociedades grandes e ricas não conseguem sobreviver sem anunciantes. Dentro da ótica comercial, patrocinadores querem abrangência (número de leitores) e credibilidade. Portanto, quanto mais os

periódicos cumprirem estes quesitos mais parceiros e, conseqüentemente, mais saúde financeira, terão.

Se temos portanto, tanto em comum com editores do resto do mundo, por que somos tão diferentes?

Em primeiro lugar, falta-nos ainda a compreensão de que as revistas científicas deveriam diferir no espectro ou na abrangência, mas não no reconhecimento e na credibilidade. Para isto, todas as revistas deveriam atuar sob as mesmas regras no processo de seleção dos artigos e serem constantemente avaliadas.

A identificação da abrangência da revista (internacional, nacional, regional ou institucional) baseia-se no interesse dos leitores - o público alvo -, no interesse e na competência dos autores e colaboradores e no envolvimento de patrocinadores. Entretanto, independentemente do espectro da revista, o processo de avaliação tem que ser o mesmo.

Assim, além da metodologia adequada, um trabalho científico publicável tem que ser uma contribuição nova, relevante e compreensível. Nova, no sentido de original, de conhecimento gerado. Relevante, no sentido de importância do assunto. Compreensível, no sentido de exposição clara e objetiva do tema. Quem julga estes itens são os pares, o denominado sistema de revisão por pares (*peer review*). Embora este seja um método passível de falhas, é ainda o melhor método para avaliação de um trabalho científico⁽⁷⁾. Inclusive, se a revisão por pares for feita às cegas, sem que autores e revisores sejam identificados, ela se torna mais eficiente do que aquela em que os revisores sabem quem são os autores⁽⁸⁾.

Sem dúvida, o maior desafio de um editor de revista científica brasileira é tolerar as pressões. Infelizmente, a avaliação, que é algo inerente à atividade acadêmica⁽⁹⁾, não é em nosso meio valorizada como processo construtivo para a busca da qualidade. Vários de nossos autores entendem as críticas e/ou as eventuais recusas como ofensas pessoais⁽¹⁰⁾. Outros, acham que trabalhos ruins devem ser publicados em nossas revistas, criando um esquema *publish or perish* tupiniquim. A eliminação dos vícios de julgamento e dos interesses corporativos só pode ocorrer com o auxílio dos membros do conselho editorial, que entendem a necessidade de critérios sérios e uniformes de avaliação de manuscritos submetidos e que respaldam a atuação do editor.

Uma das formas de avaliação da qualidade de uma revista científica é a sua indexação em bases de dados. Outra, é o seu índice de impacto fornecido pelo *Institute for Scientific Information (ISI)*. Para as revistas brasileiras, a indexação, em especial na Medline, que é a base de dados mais importante atualmente, é muito difícil e depende muito mais de critérios políticos do que

qualitativos. Embora de certa forma o interesse dos leitores, a confiança dos pesquisadores e o encontro de patrocinadores sejam indicadores da qualidade de uma revista científica, faltava uma avaliação mais formal da qualidade das revistas brasileiras. A rede SciELO⁽¹¹⁾ veio preencher esta lacuna entre nós e se mostra como uma grande promessa para que possa haver uma graduação da qualidade das revistas nacionais, uma vez que as revistas indexadas pela coleção são permanentemente avaliadas por pares. Além disso, a curto prazo o projeto busca aumentar radicalmente a visibilidade, a acessibilidade e a credibilidade nacional e internacional da publicação científica da América Latina e do Caribe. A longo prazo, busca contribuir para o aumento do impacto da produção científica nacional⁽¹¹⁾.

Para obtermos visibilidade internacional temos que colocar os textos em inglês - que é o idioma universal da Ciência - permitindo assim que pesquisadores de todo o mundo compreendam o material publicado por nós. Estaríamos, portanto, ampliando a área de penetração de nossas revistas. Para não descaracterizar totalmente as revistas, poderíamos utilizar o português na versão impressa e o inglês e o português na versão online.

Sobre o indicador de impacto, seja no ISI seja na SciELO, grande parte da tarefa depende dos autores, isto é, depende de nós mesmos. Temos que aprender a citar os trabalhos brasileiros para valorizar nossa produção científica. Nós não nos citamos! Assim, mantemos os periódicos brasileiros com baixos índices de impacto e não quebramos este círculo vicioso⁽¹²⁾.

Tenho observado, com satisfação, que várias revistas médicas brasileiras têm adotado políticas editoriais sérias e rígidas. Que pesquisadores renomados têm prestigiado estas revistas submetendo seus trabalhos. Que o sistema de avaliação por pares tem sido reforçado e prestigiado. Que temos encontrado patrocinadores. Enfim, tenho uma visão otimista de que finalmente começamos a avaliar criticamente nossas atividades e que damos os primeiros passos para abandonarmos a postura infantil do auto-engano.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. Lock S. Survive as an Editor. In: Reece D (ed.): How to do it. London: BMJ Publishing 1995;108-12.
2. Lauch of the World Association of Medical Editors JAMA 1995; 273:981.
3. Davidoff F. News from the International Committee of Medical Journal Editors. Ann Intern Med 2000; 133:229-31.

4. Good CD, Parente ST, Rennie D, Fletcher SW. A worldwide assessment of medical journal editors' practices and needs; results of a survey by the World Association of Medical Editors. *S Afr Med J* 1999; 89:397-401.
 5. Garrow J, Butterfield M, Marshall J, Williamson A. The reported training and experience of editors in chief of specialist clinical medical journals. *JAMA* 1998; 280:286-7.
 6. Kassirer JP. Editorial: Why be a medical editor? *JAMA* 2001; 285:2253.
 7. Jefferson T, Alderson P, Wager E, Davidoff F. Effects of editorial peer review: a systematic review. *JAMA* 2002; 287:2784-6.
 8. Laband DN, Piette MJ. A citation analysis of the impact of blinded peer review. *JAMA* 1994; 272:147-9.
 9. Lapa e Silva JR. A importância da crítica na ciência. *J Pneumol* 1999; 25:III
 10. Queluz TT. Pesquisar é inerente ao ser humano. *J Pneumol* 1999; 25: IV.
 11. SciELO. [www:scielo.org](http://www.scielo.org)
 12. Queluz TT. Admissão do Jornal de Pneumologia na SciELO Brasil: uma vitória com novos desafios *J Pneumol* 2002; 28:IX-X. ■
-